

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

# COMUNIDADE GERAIZEIRA PINDAÍBA-MG



BOLETIM  
INFORMATIVO

9

Boletim Informativo

Edição março 2020

## PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA-PNCSA

### COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes (PPGCSPA/UEMA)  
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)  
Emmanuel de Almeida Farias Júnior (PPGCSPA/UEMA)  
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)

**Agencia Financiadora:** Climate and Land Use Alliance – CLUA

### Realização:

Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES  
(Núcleo - Minas Gerais)  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social - PPGDS  
Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental - NIISA  
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Migrações e Comunidades  
Tradicionais do rio São Francisco - OPARÁ / MUTUM

### COORDENAÇÃO DE PESQUISA DESTE BOLETIM:

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula - PPGDS / Unimontes  
Rômulo Soares Barbosa - PPGDS / Unimontes

### EQUIPE DE PESQUISA:

Andréa Maria Narciso Rocha de Paula - PPGDS / Unimontes  
Felisa Caçado Anaya - PPGDS / Unimontes  
Rômulo Soares Barbosa - PPGDS / Unimontes  
Adinei Almeida Crisóstomo - PNCSA / Unimontes  
Matheus Vinícius Ferreira - PNCSA / Unimontes  
Maria Cecília Cordeiro Pires - PPGDS / Unimontes  
Carlos Alberto Dayrell - PPGDS / Unimontes  
Maria Vitória Pereira de Jesus - Grad. Ciências Sociais - Unimontes  
Lilian Maria Santos - PPGDS / Unimontes  
Sérgio Leandro Sousa Neves - PPGDS / Unimontes

### EDIÇÃO:

Adinei Almeida Crisóstomo - PNCSA / Unimontes  
Rômulo Soares Barbosa - PPGDS / Unimontes

### CARTOGRAFIA E MAPAS:

Matheus Vinícius Ferreira - PNCSA / Unimontes  
Adinei Almeida Crisóstomo - PNCSA / Unimontes

### TRANSCRIÇÃO E FOTOGRAFIA:

Equipe: NIISA/OPARÁ - Unimontes

**CAPA/PROJETO GRÁFICO:** Murana Arenillas

**FOTO DA CAPA:** Oficina Nova Cartografia Social. Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

**Apoio logístico:** Eriki Aleixo

## Projeto Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que Atingem Povos e Comunidades Tradicionais na Amazônia e no Cerrado- CLUA

**OFICINAS PARTICIPATIVAS:** Oficinas e Atividades realizadas entre os meses de Dezembro de 2019, Janeiro e Fevereiro de 2020 na sede da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade de Pindaíba.

### MORADORES DE PINDAÍBA QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS E ATIVIDADES:

Eva Ferreira de Oliveira	Jesulino Oliveira Cruz
Rutinelá Rodrigues de Oliveira	Daiana Rodrigues Pereira
Graciane Ferreira de Oliveira	Helena Gomes da Silva
Delcídio Gomes da Cruz	Aleci Gomes da Cruz
Maria Oliveira	Olmeci Ferreira Cruz
Maria de Lourdes de S. Nascimento	Laíne Rodrigues Oliveira
Daiane Gomes Alves	Vanessa de Sá Oliveira
Ana de Oliveira Ferreira Cruz	Sinval José de Oliveira
Nedina Ferreira dos Santos	Vanderlei José de Oliveira
Silmara da Silva Cruz	Gabriel José de Oliveira
Menida Gomes da Cruz	Maria Ferreira
Micaele Ferreira Gomes	João Gomes da Cruz
Andréa de Sá Ferreira	Adelina Rodrigues Oliveira
Célia de Sá Ferreira	Almerinda Moreira Ribeiro
Marcos Sales Ferreira	Losmar de Souza Ferreira
Nadir Gomes da Silva	Jeremias José de Oliveira
Cintia Gomes Rodrigues	Eliseu José de Oliveira
José Ferreira de Oliveira	Tobias José de Oliveira

**APOIO:** Associação dos Pequenos Produtores Rurais da Comunidade de Pindaíba

### PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

### COORDENAÇÃO GERAL:

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)  
Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)  
Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

### FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado / Comunidade Geraizeira Pindaíba - MG. - N. 9 (março. 2020). - São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Andréa Maria Narciso Rocha de Paula e Rômulo Soares Barbosa

ISSN: 2675-2263

1. Comunidades Geraizeira. 2. Cerrado. 3. Movimentos sociais. I. Título.

## MOVIMENTO GERAIZEIRO: GUARDIÕES DO CERRADO!

Geraizeiro é uma identidade em movimento, em processo contínuo de ressignificação. Essa afirmação indica que as comunidades tradicionais geraizeiras estão em constante forjamento social. São, principalmente, as lutas pelo direito ao território, como lugar de vida, que constroem o movimento geraizeiro no Norte de Minas Gerais.

Há um marco histórico importante para a compreensão do movimento geraizeiro. Nos anos 1970 o Governo do Estado de Minas Gerais criou o Programa de Distritos Florestais (PDF), no contexto da modernização conservadora do campo brasileiro, tendo como base a revolução verde e a expansão da fronteira da grande lavoura monocultora e da pecuária bovina extensiva. O PDF consistiu na concessão de terras públicas para que empresas desmatassem o cerrado e plantassem eucalipto e pinus.

A monocultura do eucalipto em larga escala foi implantada, principalmente, nas chapadas, desestruturando a socioeconomia geraizeira, baseada no uso deste ambiente para o extrativismo vegetal (frutos e plantas medicinais) e para a criação do gado “na solta”, isto é, o manejo do gado nas pastagens naturais de uso comum.

Além disso, as águas (rios, riachos, brejos e veredas) foram degradadas, inaugurando um quadro de escassez hídrica nos gerais. Secamento de nascentes, intermitência de rios, assoreamento e destruição de cursos d’água.

Esse processo de privatização das chapadas pelas empresas monocultoras de eucalipto para a produção de carvão vegetal cujo objetivo é o abastecimento da siderurgia mineira, teve seu primeiro ciclo de concessão vencido nos anos 1990.

A Articulação do Movimento Geraizeiro se intensifica, sendo as Conferências Geraizeiras, um locus de reflexão e fortalecimento da ação política. As lutas pela reconversão agroecológica dos gerais por meio da criação de Assentamentos Agroextrativistas, Reservas Extrativistas, Reservas de Desenvolvimento Sustentável, inovações na legislação ambiental municipal, se configuraram como instrumentos de retomada dos gerais, lugares de vida.

Os Geraizeiros, homens e mulheres, são os guardiões e guardiãs do cerrado. E um novo ciclo de lutas está em curso. A luta contra a destruição dos gerais pelas grandes empresas mineradoras de ferro e ouro. O Norte de Minas tem sido anunciado como a nova fronteira mineral do estado. Fronteira da destruição mineral, contra a qual luta o movimento geraizeiro.

Este é o contexto de luta da comunidade de Pindaíba, no município de Rio Pardo de Minas. Cercada pela monocultura de eucalipto tem agora o território ameaçado pela expansão da fronteira de mineração de ferro.



Visita Técnica – Apresentação do Projeto para a Comunidade  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2019



Oficinas – Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2019/2020

## “NOS TEMPOS ANTIGOS”...

“ Nós moramos aqui na Pindaíba e trabalhamos na roça... Antigamente o tempo era muito de chuva, a gente trabalhava era só de braçal, de enxada, foice... Sempre plantávamos mandioca, milho e feijão... Trabalhamos na roça toda vida... No tempo de semente, nós juntávamos de uma coisa e de outra, pra quando chegasse o tempo plantar... Guardava até chegar o tempo de plantar... Umhas pessoas ainda plantam, mas arroz, quase não tá plantando, milho plantam pouco... Só fava e feijão que ainda plantam... Vendíamos alguma coisa que nem farinha, goma, milho era pouco... ”

(Gezulino Oliveira Cruz)

“ A gente criava o gado era na solta... Tudo era assim... Cerca? Tinha umas poucas... Hoje tem mais... Tem é muita cerca hoje... A gente plantava milho, plantava feijão, arroz, cana... As casas eram de adobe... ”

(Sinval José de Oliveira)



Gezulino Oliveira Cruz.  
Oficinas – Boletim Informativo.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“ Eu lembro bastante das festas tradicionais da Comunidade... Festa junina, fogueira de São João, Nossa Senhora Aparecida, o presépio que fazia antigamente... Antigamente tinha, o pessoal jogava verso, cantava roda, amanhecia o dia... Eu lembro que nós ficávamos de um dia pro outro, amanhecia o dia só contando história, piada, cantando rodada... Em casa mesmo, meu pai fazia uma fogueira e amanhecia o dia e tinha vez que no outro dia ainda tornava colocar mais lenha na fogueira de novo... O pessoal gostava muito... ”

(Losmar de Souza Ferreira)



Losmar de Souza Ferreira  
Oficinas – Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Grupo de Debates para a Construção do Mapa e do Croqui da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## “NOS TEMPOS ANTIGOS”...



Entrevista com José Ferreira  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“Meu nome é José Ferreira, 52 anos de idade. De quando eu nasci, até hoje eu moro na Comunidade Pindaíba. A gente morou com os meus pais até um tempo, ai casei e a gente foi construindo uma casinha separada...

Tenho quatro filhos. Duas moças e dois homens. Eles gostam daqui porque o lugar muito com paz, o povo todo mundo conhece todo mundo... Todo mundo é amigo, todo mundo é família... O pessoal aqui é todo mundo da família. Se você for ver, pegar as origens dos pais, dos avôs, todo mundo faz parte duma família. Uma família só. ”

(José Ferreira)

“Então, sempre a gente procura plantar de forma mais orgânico, uma coisa mais natural... A gente vem trabalhando com a roça mesmo, é lavoura consorciada... Porque você não produz só uma coisa num lugar... A consorciada é assim, se você planta uma lavoura de feijão, você tem o feijão, você tem o milho, você tem outras coisas ali no meio... Não é só uma coisa que dá certo. O milho, você tem a feijoa no meio, você tem o feijão que você pode plantar no meio e o feijão no meio da rua do milho, a consorciada... No meu quintal, e no quintal do meu vizinho aqui que é meu cunhado... Quantas árvores têm no meio de várias... Não é só o café, não é só a laranja. Aqui têm várias, plantações, vários cultivos... ”

(José Ferreira)



Plantação de mandioca na comunidade Pindaíba.  
Fonte: Rutinela Rodrigues de Oliveira, 2018.

“Hoje plantar lavoura tá mais difícil por causa do clima, do tempo... Tem pouca água, pouca chuva, você tem que ter muita experiência pra poder plantar e não perder... E se você plantar fora do tempo, aqui a gente sempre usa plantar no pó, na terra seca... Aí quando vem a primeira chuva, já molha e já nasce. Se você conseguir cultivar a semente e se você plantar depois que chove, deixar bem antes pra frente, você planta, então já não salva a semente. Você vai perdendo a origem da semente... Se você perder a origem da semente pra depois tornar resgatar ela de novo, fica mais difícil. Eu aprendi a partir do meu avô, dos meus pais, foi passando a experiência pra gente... Não deixou morrer as raízes de antigamente... A gente está tentando segurar pra não deixar morrer... Sempre aqui nós plantamos mais em outubro. Em outubro nós começamos a preparar a terra já no pó, pra que a hora que a chuva chegar, pra plantar... Outubro, novembro e dezembro... Primeiro de janeiro sempre dá mais é verão e sol. Aí quando a plantação, ela já tá mais resistente, ela supera o sol... Aí no mês de fevereiro chove mais um pouco, dá pra resgatar a semente do solo... ”

(Losmar de Souza Ferreira)



Oficinas - Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“Fruta nativa nós temos o pequi, temos o articum, tem a mangaba, tem a cagaita, e o mais nativo... Agora, manga já é plantio... Tem plantio de manga, tem jabuticaba, tem bastante no quintal do meu pai ali bastante jabuticaba. Inclusive, agora tem. Então, são essas coisas assim... Tem nativo da terra... ”

(José Ferreira)

“ Eu mantenho a minha casa é com a lavoura da roça. Eu planto feijão, milho, mandioca... Lá no terreno meu antigamente até arroz eu produzia, agora não tá produzindo mais porque a água ficou pouca, secou... Mas até hoje ainda tem semente de arroz de quando eu plantava. Eu guardo sempre minhas sementes. Em casa lá, eu já tenho muitas sementes guardadas, semente crioulas... Porque a semente crioula é a semente mais forte que tem... Sementes crioulas se guardam em litro descartáveis... Eu tenho bastante variedade de semente. Eu devo ter umas 37 variedades de sementes, daqui mesmo... ”

(Losmar de Souza Ferreira)



Grupo de Debates para a Construção do Mapa e do Croqui da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Grupo de Debates: Cultura e Memória  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“ O que a gente teve de bom foi à chegada da energia elétrica, acho que isso ajudou bastante às famílias, porque antigamente não tinha... ”

Quando eu era mais nova, tínhamos o costume de fazer a lapinha, que era agora em dezembro, e hoje não tem... A gente sente muita falta disso... (do presépio). Todo mundo reunia, pegava as plantas, as flores e fazia o presépio e todo dia tinha novena. Ainda tem as novenas, mas não é igual era antes. Eram mais animadas, as pessoas se empenhavam mais em estar participando e hoje à participação é pouca. ”

(Graciane Ferreira de Oliveira)

“ Meu nome Graciane, sou moradora da Comunidade e tenho 26 anos. Eu nasci em Rio Pardo de Minas, mas sempre morei aqui. Depois de formada no ensino fundamental e médio, eu comecei a pesquisar, fazer curso... Eu sempre queria estudar... Fiz curso técnico em enfermagem, fiz também o vestibular pra UECAMP da UFTM e passei, e agora eu vou formar. Em janeiro eu defendo meu TCC. É em Uberaba, Ciências da Natureza, estudo física, biologia e química. ”

(Graciane Ferreira de Oliveira)



Graciane Ferreira de Oliveira  
Oficinas - Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## “AS FESTAS TRADICIONAIS”...

“Sempre tinha, bandeira... De São João e Nossa Senhora Aparecida... Tinha terço de Nossa Senhora de Aparecida que meu pai festejava todo ano... (Gezulino Oliveira Cruz)

### São João...

Antes, aqui todo mundo, toda família acendia uma fogueirinha na casa deles... E aí cada um soltava foguete na casa, o que soltava de cá tá respondendo... Começou meu pai fazendo aqui, eu fazia só pra Comunidade participar... Isso durou por uns oito anos... Desse jeito... Mais era São João... São Pedro era pouco, mas comemorava também... //

(Gabriel José de Oliveira)



Grupo de Debates: Cultura e Memória  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Igreja da Comunidade  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

### “A Bandeira...”

Tem um mastro que você pega, prega um ourinho aqui, tampou ali, coloca uns enfeite de papel e pega e levanta... E deixa levantado um tempo e depois tira e guarda... O outro ano torna fazer de novo... Se ninguém roubar... À noite, a pessoa vai lá e pega, você não sabe quem pegou, é surpresa, aí no outro ano você tem que pagar, e a despesa também são tudo de quem rouba... O dono da casa só recebe a bandeirinha... De primeiro fazia muito... Eu mesmo já fui de bandeira roubada... Era um festão... Já fui várias vezes... Era bom... //

(Gabriel José de Oliveira)

### “História do surgimento da Santa Padroeira...”

Foram umas irmãs (freiras) que vieram pra região, e doaram pra gente uma imagem de uma Santa e todos os acessórios da Igreja... Esta Santa acabou se tornando a padroeira aqui da Comunidade, Santa Maria Madalena Postel. No dia 17 de julho nós celebramos e fazemos uma festa... Aí todo domingo também a gente celebra o culto... Faz a novena... Mas tem a imagem também de Nossa Senhora Aparecida... //

(Gabriel José de Oliveira)



Mastro Festivo aos Santos.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Grupo de Debates: Cultura e Memória  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## “ O Presépio de Natal...

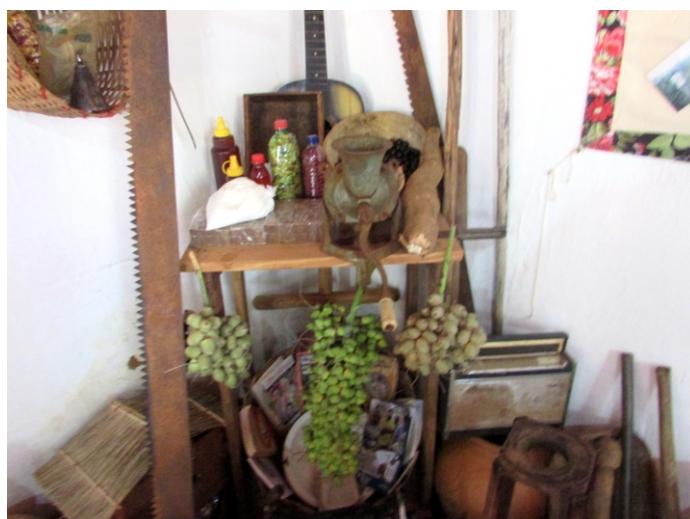
Montávamos o presépio de natal com ramos, papel de jornal, pedras... Quebrava as pedras e jogava nos jornais e fazia uma gruta... Colocava a manjedoura com a imagem do Menino e de Maria pra poder fazer como se fosse o lugar onde Jesus nasceu... Então, a gente representa também na Comunidade dessa maneira... Os ramos representavam Jesus andava e forravam o lugar que ele ia passar... Jogávamos os ramos no rio, porque acreditávamos que era bom pra chover... Balançávamos os ramos, cantando e descendo o rio... ”

(Nadir Gomes)

## “ Folia de Reis...

Vêm visitantes... Tem uns foliões que cantam em Peixe Bravo, sempre eles passam cantando... Estamos fazendo um grupo aqui, esse ano vai acontecer! A Folia de Reis vai sair! ”

(Gabriel José de Oliveira)



Produtos que representam a Cultura, a História e a Memória da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Memórias e Histórias - Mural de Fotos Antigas da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## “A LUTA PELO TERRITÓRIO GERAIZEIRO E OS GRANDES EMPREENDIMENTOS: O EUCALIPTO E A MINERAÇÃO”...

### A CHEGADA DO EUCALIPTO...

Nos anos 1960 e 1760 o Norte do Estado de Minas Gerais era anunciado pelo discurso desenvolvimentista de então como vazio demográfico e econômico. Com isso, as populações que habitam há séculos este espaço foram invisibilizadas. As dinâmicas socioeconômicas, marcadas pela criação de gado, agricultura e extrativismo vegetal, foram consideradas desprovidas de valor econômico. Assim, a monocultura do eucalipto em larga escala foi tratada como ocupação econômica da região, pela integração ao sistema siderúrgico mineiro como fornecedora de carvão vegetal. E, também, como redenção econômica pelo discurso da geração de empregos para a população local.



Monocultura de Eucalipto (nas proximidades da comunidade Pindaíba)  
Fonte: Rutinela Rodrigues de Oliveira, 2018.

“ Antes o pessoal achava que era bom, porque deu emprego pra eles, mas no fim foi destruição que nem agora tá... Foi secando as água... Plantas nativas que tinham o lugar que eles mexeram, a Gerdal (empresa de eucalipto) acabou, porque eles destruíram pra plantar... Os pequizeiros, frutas nativas, hoje nesses lugares não tem... Naquele tempo tínhamos, hoje nós não estamos tendo não, muitas minas de água secaram... ”

(Gezulino Oliveira Cruz)



Monocultura de Eucalipto (nas proximidades da comunidade)  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Estrada de acesso a Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Losmar de Souza Ferreira  
Oficinas - Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“ Eu lembro quando eu já estava trabalhando na colheita. Eles passaram o correntão, acabaram com o carrasco que tinha tudo, aonde que tinha madeira que o pessoal usava, foi acabando com tudo... Hoje se você for querer uma madeira, tem que comprar... Carrasco nós chamamos é uma chapada de fora, beirando os eucaliptos, no carrasco tinha toda maneira que você pensar. Pra enxada, pra gamela, pra várias utilidades de coisas. Pra cerca... Que o pessoal fala que sempre no cerrado embaixo, as madeira não são boa pra terra. No carrasco, a madeira pra fazer cerca é mais resistente... Tinha muita madeira. Com essa monocultura do eucalipto, acabou tudo... Aqui mesmo eu conheci uma reserva que tinha de carrasco, inclusive, deve ter uns dez anos que degradou ela tudo. Era um lugar que pra gente passar, não passava não. Era fechado. O carrasco era fechado que não passava nada. Aí eles passaram o correntão com trator, dois tratores de esteira, eles pegam um de um lado e outro do outro e passa o correntão, derruba tudo... ”

(Losmar de Souza Ferreira)

“ Eu fui saber agora, depois de uns quatro anos pra cá. Nunca vi assim, nunca tinha estudado profundamente o que era isso. Agora que eu fui perceber que a monocultura, ela não é muito boa pra natureza não... Isso mudou muito o ciclo da natureza, as nascentes que tinha não tem mais, hoje a falta de água na Comunidade tem bastante, foram muitas nascentes que secaram e só tem uma que abastece toda a Comunidade, uma ou é duas, que abastece a Comunidade. Os animais que tinha não têm mais, alguns já sumiram, até morrem, porque tem vez que pegam... Tinha um rio que cortava aqui antes e não tem mais. A gente fala que é por conta da monocultura de Eucalipto, que foi plantado bem onde que é a nascente. Acabou que ele sugou toda a água... Trouxe muita areia para o leito do rio, assoreamento dos rios... ”

(Graciane Ferreira de Oliveira)



José Ferreira / Oficinas - Boletim Informativo  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Vista da chapada, na divisa com a monocultura de Eucalipto.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“ O eucalipto, a gente não tinha conhecimento do estrago que ele trazia. Não tinha conhecimento nenhum. Se ele ia fazer o que ele fez na nossa terra, no nosso solo... Agora, da mineração, a gente sabe, que a gente já conhece tudo. Nós vamos ficar mobilizados e se a gente existir, a gente vai lutar pra que não aconteça... A não ser, que a gente perder a força, mas se a gente, durante que a gente tiver força, a gente tem que caminhar, tem que lutar... ”

(José Ferreira)

## “A MINERAÇÃO NO NORTE DE MINAS GERAIS”...

A exploração mineral no Brasil contemporâneo deve ser entendida, principalmente, no contexto da expansão da demanda mundial por minério de ferro pelos países asiáticos, como a China, e também pelo crescimento das reservas globais de ouro. Na América Latina como um todo e no Brasil especialmente, este cenário revela a intensificação da histórica atividade exploratória mineral.

A mineração de ouro está localizada na Microrregião de Janaúba-MG, nas zonas rurais dos Municípios de Riacho dos Machados-MG e Porteirinha- MG, com distância aproximada de 135 km de Montes Claros-MG e 550 km da capital Belo Horizonte- MG.

A atividade minerária aurífera no local é uma reativação de mina explorada anteriormente pela Vale do Rio Doce entre 1987 e 1997. No ano de 2009 a empresa canadense Carpathian Gold Inc assumiu os direitos minerários, dando início ao processo administrativo para concessão do licenciamento ambiental até sua fase de operação que culminou em 2015. Ainda em 2015 o complexo minerário de Riacho dos Machados/Porteirinha foi adquirido pela empresa Brio Gold. Em 2018 a empresa Brio Gold foi adquirida pela canadense Leagold Mining Corporation.

O projeto de extração de minério de ferro no vale do Rio Pardo, atualmente nominado Projeto Bloco 8, pertence a Sul Americana de Metais S/A (SAM) que é controlada pela chinesa Honbridge Holdings Ltd. No referido projeto estão previstos: mina a céu aberto, usina de concentração do minério, barragem de rejeitos, barragem de água no Rio Vacaria e mineroduto de 482 km de extensão até o Porto de Ilhéus-BA. O empreendimento foi classificado como Classe 6 (grande porte e grande potencial poluidor). A meganinação da SAM/Honbridge Holdings Ltd prevê a extração e processamento de 30 milhões de toneladas de minério de ferro concentrado por ano. A barragem de rejeitos terá a capacidade de estocar cerca de 850 milhões de metros cúbicos.

O Projeto Bloco 8 encontra-se em fase de licenciamento, sendo que a Licença Prévia ainda não foi expedida. O Ministério Público Estadual conseguiu, no final de 2019, uma decisão liminar na justiça, contra o desmembramento do licenciamento. Isto é, a SAM quer licenciar a estrutura de mineração em separado do mineroduto. SAM recorreu desta decisão. O processo de licenciamento está atualmente suspenso.

As principais resistências ao projeto de exploração minerária de Ferro no vale do Rio Pardo são realizadas pelas comunidades geraizeiras que sofrerão mais intensamente as consequências ambientais e sociais.

Os riscos que acendem o alerta são de perda territorial por remoção compulsória, de desvios de curso d' água, de contaminação, bem como tudo o que se passou a conhecer amplamente, em decorrência dos rompimentos das barragens de rejeitos de minério da Samarco-Vale- BHP Billiton em Mariana-MG e da Vale em Brumadinho-MG. É intensa a mobilização social geraizeira em contraposição aos megaprojetos minerários e suas espoliações materiais e simbólicas.

Movimentos Sociais como o Movimento de Atingidos por Barragens, Movimento pela Soberania Popular na Mineração, pastorais sociais como a Comissão Pastoral da Terra, Organizações Não Governamentais como o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, também engrossam as fileiras da luta contra a mineração e pelos direitos territoriais das comunidades geraizeiras.



Oficina Nova Cartografia Social  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## “A CHEGADA DA MINERAÇÃO NA REGIÃO DO RIO PARDO”...

“Com uma educação que valoriza a Comunidade a gente fica mais firme pra buscar mais conhecimento sobre isso. Como que isso pode afetar a nossa Comunidade? Se essas mineradoras chegarem? E tá chegando...”

Eu acho que é a união, a valorização e buscar mais conhecimento daquilo que tá vindo, se isso é bom pra nós, buscar pontes que mostre que pode atingir a gente, buscar conhecimento, buscar conhecer sobre essas coisas que tá vindo aí de fora...

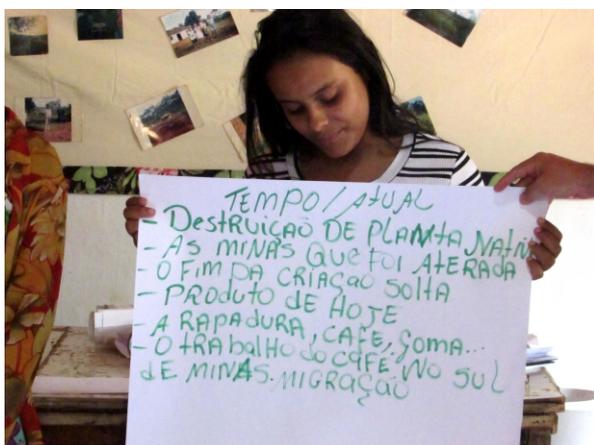
Meu território é onde eu nasci e vivo atualmente. É o lugar que eu me identifico. Onde tem minha família, as pessoas que eu gosto... É um lugar tranquilo de se viver...

Muitos jovens não preocupam com isso não. Achem que vai ser uma coisa boa pra Comunidade. Poucos que eu convivo, acha que vai ser uma melhoria pra Comunidade, que vai trazer emprego, melhorar as condições... A gente acha que é um desenvolvimento e na realidade pode ser uma destruição da Comunidade... ”

(Graciane Ferreira de Oliveira)



Grupo de Debates sobre a Mineração.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Apresentação dos Grupos de Debates.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Debates sobre os limites do Território da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“A gente viu acontecer (os desastres) o de Mariana, o de Brumadinho... Várias destruições, a gente sabe que a Comunidade tá nessa ameaça. Sabemos que pode amanhã, ou depois a Comunidade ser os atingidos... Tudo isso vai acontecer se chegar a ponto de ser explorada a mineração...”

A exploração da pesquisa foi feita. Inclusive, eles (a mineradora) tiraram a amostra, de solo, e levou pra saber... Então, com certeza eles sabem tudo o que tem na região... Nós barramos também na cabeceira da água, nós barramos a sonda. Mandou mudar de lugar, porque eles ia já atingir a nossa mina de água. Como já atingiu lá embaixo, no rio Peixe Bravo. Teve um lugar lá que eles furaram que a água pegou e saiu fora... Atingiu toda a nascente...

Nós temos uma mina de água, que é a mina aqui que abastece toda a Comunidade, se caso tiver alguma ameaça, é essa que nós temos que primeiro brigar. Porque a água é vida. Se não tiver água, nós não sobrevivemos... Ninguém... Pode ser de onde for e onde é que estiver, tem que ter água pra sobreviver... Tem que lutar pra que a Comunidade continue vivendo do modo em que vive... ”

(José Ferreira)

“Eu acho que isso muda toda a nossa realidade, vai chegar novas pessoas, eles fala vai trazer desenvolvimento, mas é um desenvolvimento pra nós que não vai ser muito bom. Eu acho que vai mudar muito o ciclo da Comunidade. Eu não acho que vai trazer benefícios não. ”

(Graciane Ferreira de Oliveira)

## “A LUTA DA COMUNIDADE DE PINDAÍBA”...



Grupo de Debates para a Construção do Mapa e do Croqui da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Debates com a Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Eliseu José de Oliveira  
Oficina Nova Cartografia Social  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

A comunidade de Pindaíba, localizada no espaço rural de Rio Pardo de Minas, na fronteira com o município de Fruta de Leite.

A ameaça de incidência da mineração de ferro em Rio Pardo de Minas e no território comunidade teve repercussão nacional com o episódio, em 2011, da prisão de pessoas envolvidas com a grilagem de terras. Na denominada Operação Grilo, do Ministério Público Estadual, a Mineradora Vale foi acusada de comprar terras de grileiros.

Atualmente, no Projeto Bloco 8, da Sul Americana de Metais, prevê-se a construção da estrutura de lavra e processamento do minério, barragens de rejeitos no Vale das Cancelas e o mineroduto até Ilhéus-BA. Está prevista, também, a construção de barragem no Rio Vacaria, com consequências em termos de inundação de área e alteração de rotas terrestres de conexão entre as comunidades. A Comunidade de Pindaíba está mobilizada e atenta para os riscos, ainda desconhecidos, de consequências locais que possam vir a ser geradas pelo Bloco 8.

A defesa do território geraizeiro de Pindaíba contra a mineração é, também, a resistência ao interesse minerário da Vale na região. Sobretudo, é a defesa do lugar de vida, do direito territorial geraizeiro.

Diferentemente da região do quadrilátero ferrífero em Minas Gerais, cuja luta é contra a destruição ambiental e a degradação social produzidas pelas mineradoras instaladas; no Vale do Rio Pardo é para que a mineração não se instale. Para que a degradação ambiental e social possa ser evitada.

“ Eu acho que esse mineroduto não saiu ainda, por causa da resistência do povo... Então, vamos continuar dificultando... Vamos continuar... Eu vim pra cá por isso, pra falar pra vocês, pra continuar resistindo... Lá em Mariana, nós estamos vendo o povo sofrendo. Os idosos perdidos... Sem saber onde eles estão... O que aconteceu na vida deles... Nunca mais vão ter a terra... Porque nunca foi construída uma casa pra eles... Olha Brumadinho agora... E ainda ficam os prefeitos das cidades negociando pra retornar as atividades, pra correr dinheiro, mas vai correr dinheiro para o bolso de quem?! Porque essa proposta de desenvolvimento... “Ah, nós vamos levar o desenvolvimento”... Desenvolvimento pra quem?! Quem é que vai ganhar com esse desenvolvimento? Qual é o desenvolvimento que vai trazer pra nós? Se for desenvolvimento, nós temos que dizer qual é o desenvolvimento que nós queremos... ”

(Maria de Lourdes)



Grupo de Debates sobre a Mineração.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Apresentação dos Grupos de Debates.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.



Grupo de Debates sobre a Mineração.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“ Primeiro eles (a mineradora) joga as Comunidades contra as lideranças que não fogem, porque tem aquele negócio do emprego... Depois, eles jogam os trabalhadores, a cidade contra o campo, contra as lideranças, o alvo é sempre as lideranças maiores... Aí por exemplo, quem vai ganhar emprego fala assim: “ah, ele é atrasado, não quer desenvolvimento...” Porque ganhou emprego... Depois que eles (os trabalhadores da região) perdem o emprego é tudo de fora (os trabalhadores de outras regiões) aí agora... Não querem saber se você perdeu o emprego, se sua área foi afetada... Põe todo mundo longe, aí começa a destruição geral... ”

(Maria de Lourdes)



Grupo de Debates para a Construção do Mapa e do Croqui da Comunidade.  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

“Temos uma grande preocupação. A gente não sabe o que vai acontecer se vir à gente tem que tá forte aí na luta pra conseguir barrar, ou impedir... Estarmos unidos pra que não destrua o nosso território. Pode ser uma destruição pra nossa Comunidade. Então a gente tem que estar unido...”

(Graciane Ferreira de Oliveira)

“A gente tem que aprender a resistir”!

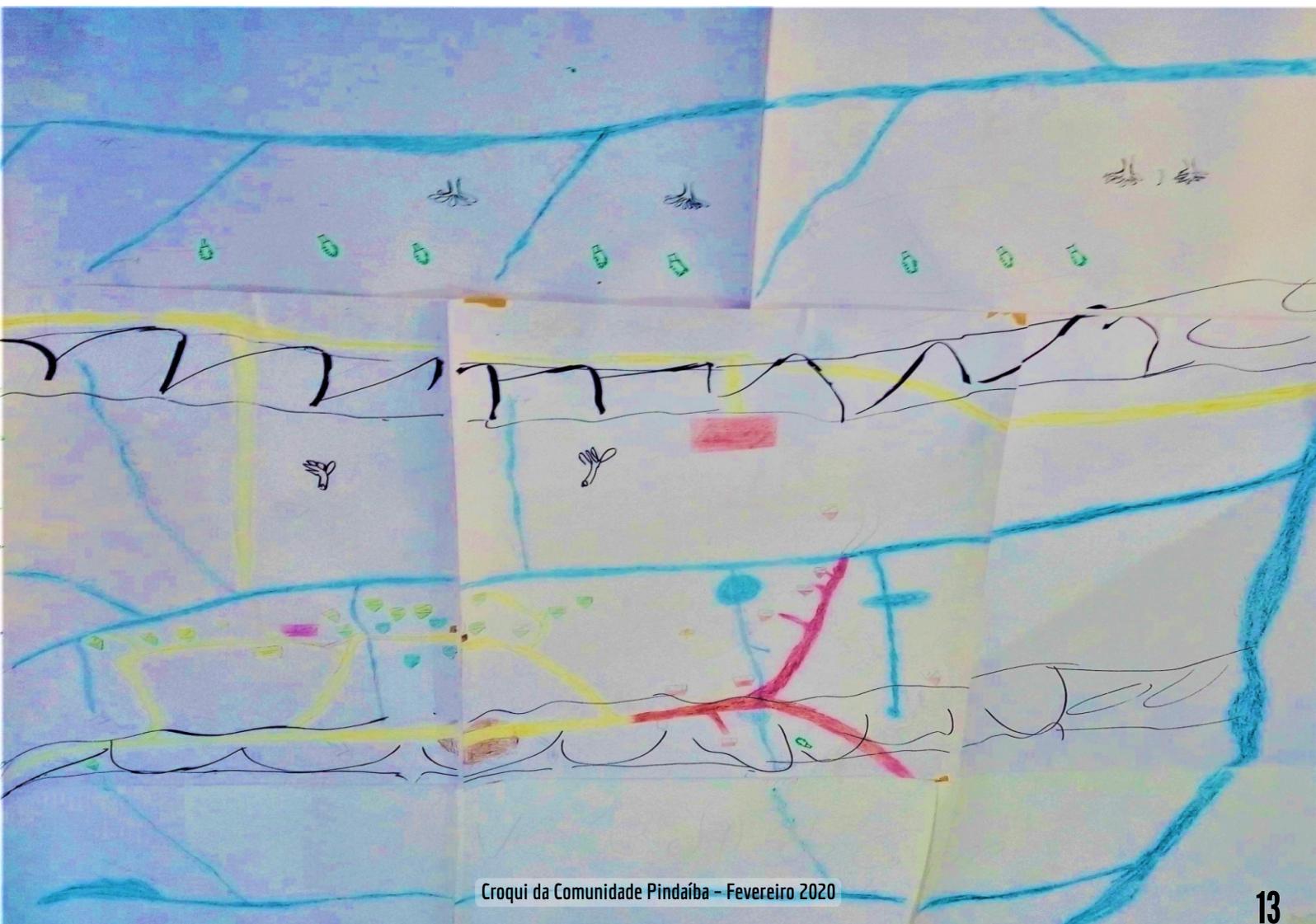
(Eliseu José de Oliveira)



Oficina Nova Cartografia Social  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020.

## NOSSAS PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES:

- Regularização do direito da comunidade sobre as terras públicas localizadas no seu território;
- Somos contra os projetos de mineração;
- Acesso e melhorias na educação, com escolas voltadas para a realidade local;
- Proteção das nascentes e recuperação do Riacho dos Porcos;
- Melhoria das estradas de acesso à comunidade;
- Projetos para captação e armazenamento da água da chuva.



1. Boletim Indígenas Gamela no Cerrado Piauiense.
2. Ribeirinhos, Pescadores e Pescadoras do Vilar e Moju na Ilha Xingu-Pae Santo Afonso: Território e Resistência de Nossas Origens.
3. Boletim Informativo dos Povos Indígenas do Vale do Javari.
4. Cartografia Social do Baixo Tocantins até sua Foz no Rio Pará, ao Sul da Ilha de Marajó: Povos e Comunidades Tradicionais na Rota dos Grandes Empreendimentos, no Pará.
5. A Guerra no Território do Conde: Comunidades Tradicionais, Migrantes, Estado e Empresas na Disputa Territorial.
6. Trabalhadores da Agricultura Familiar: Acampados Oprimidos pela Mineração em Canaã dos Carajás.
7. Pescadores e Ribeirinhos Sudeste do Pará.
8. Raízes e Lutas da Comunidade Quilombola São Joaquim.
9. **Comunidade Geraizeira Pindaíba-MG.**



Oficina de Validação Nova Cartografia Social  
Fonte: Acervo NIISA/OPARÁ, 2020

Financiamento:



Climate and  
Land Use Alliance

Realização:

**PNCSA**  
Projeto Nova Cartografia  
Social da Amazônia



**NIISA**  
Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental



Apoio:



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO

**PPGCSPA**

Programa de Pós-Graduação  
em Cartografia Social  
e Política da Amazônia

Nova Cartografia  
Social da Amazônia

